AXIMAS MORAES,

E

AMENTOS FILOSOFICOS.

POESIAS. E CHARADAS

DE

DIVERSOS AUTHORES.

MAXIMAS MORAES,

E

PENSAMENTOS FILOSOFICOS.

POESIAS, E CHARADAS

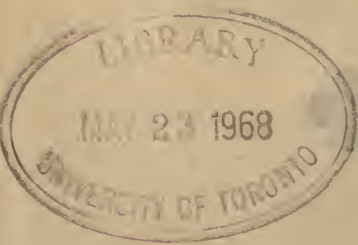
DE

DIVERSOS AUTHORES.

LISBOA:

1835.

NA TYP. DE DESIDERIO MARQUES LEÃO.

(No Largo do Calharix N.° 12.)

ADVERTENCIA.

Dividí esta pequena obra em duas partes: na primeira compilei da ,storia dos Filosofos, e outros autores, o que me pareceu digno de servir de instrucção á mocidade. Pequenos ditos, e sentenças breves gravão-se mais depressa na memoria, e tornão mais deleitosa aos jovens a sua leitura. — A segunda parte contem algumas Poesias, e charadas, para recreio do bello sexo. N'aquellas vão inseridas algumas, que apezar de já impressas me merecêrão predilecção, e que por isso não hesitei em lançar mão dellas. — A'vista do exposto, julgo ter reunido o util ao agradavel; esperando por tanto toda a indulgencia dos meus leitores, approveitando esta occazião para significar aos meus amigos, que concorrêrão Para a publicação deste folheto, os meus puros, e sinceros agradecimentos.

MAXIMAS MORAES,

E

PENSAMENTOS FILOSOFICOS.

HA cousas, que por muito, que se queirão declarar, nunca se acabão de sentir.

O costume de padecer desterra a novidade de sentir.

O Amigo he huma alma em dois corpos, porque o pezar, e alegria de hum se communica ao outro.

Para o sábio he Patria todo o mundo, mas para o virtuoso todo o mundo he desterro.

Para quem todo o mundo he Patria universal, nenhuma terra he desterro.

Vontades não se conquistão com armas, se não com serviços.

A Amizade quer igualdade.

Mal se caza a prudencia com o juvenil dos annos.

Em muito se estima, o que muito custa.

Anteveros males, he lance da prudencia, buscar-lhes o remedio, vendo-se nelles, he empenho forçoso da necessidade.

Não ha cousa mais facil de esquecer-se, que os beneficios recebidos.

Cresce cada vez mais o pezar, quando o pensamento mais sobre a causa discursa.

Assim como não ha lús sem sombra, não ha subída sem inveja.

He melhor o ser desgraçado, seguindo os dictames da razão, do qne ser venturoso, guiando-se pelos arrojos da ira.

O melhor genero de vingança he saber perdoar no tempo, em que a vingança se póde conseguir.

Vale mais muitas vezes o dissimular com o aggravo, do que empenhar-se na satisfação.

Com as honras tudo se doura, e com a sepultura tudo da memoria se risca.

Não ha cousa que mais atromente, que huma esperança perdida.

A cousa mais forte, he a necessidade, porque tudo atropella, e em nada repara.

He menos soffrer os perigos da ira, que os vitupérios da injuria.

Tudo quanto tem passado da nossa vida, são já despojos da morte.

Segredo deposito das palavras, e não menos dos pensamentos.

He a privança a cousa mais cortejada, e a mais nociva.

A inveja, e o poder são companheiros inseparaveis, e sendo os maiores inimigos sempre vivem juntos.

Os loquazes não são bons para amigos.

O que agrada á multidão, nunca foi acceito aos sábios, e entendidos.

He o vulgo tão mudavel nos pareceres, que com difficuldade se póde conhecer em espaço de

poucos dias o que applaude, nem o que aborrece.

He facil cousa mover ao povo, a qualquer dos pareceres, porque, o que hoje louva, amanhã rejeita, e o que hontem aborrecia, hoje acclama; e o que hoje estima, amanhã persegue.

Vale mais hum silencio na conversação prudente, do que hum fallar arrojado, e para quem o ouve molesto.

No breve espaço de huma noite, ou no intervallo fugitivo de hum dia, se arruina a serra mais eminente, e se secca a planta mais frondosa.

A pudicicia he o colorido da virtude.

A esperança he a ultima cousa, que acaba no homem.

O amor he o passatempo dos ociozos.

Os máos obedecem ás suas paixões, como os escravos a seus senhores.

A liberdade he o maior bem, e o fundamento de todos os mais.

Os mais sábios não o são em tudo, e os mais sábios ignorão muitas vezes as couzas mais vulgares.

Perguntas se a formiga, a quem pizas, tem jús para se queixar? Sim, aliás tu não tens direito de te queixar, se te esmagar o elefante.

Crer que hum fraco inimigo não póde ser nocivo, he crer que huma faisca não póde atear hum incendio.

O diamante, que cahe no esterco, nem por isso he menos preciozo; e o pó, a quem o vento eleva até ás estrellas, não deixa por isso de ser menos vil.

Quanta analogia não ha entre o valor moral dos homens, e o valor do numerario! Huns são o contrario do que mostrão ser como a moeda falsa; outros representão mais do q̃ valem, como o papel moeda quando tem desconto; outros representão o valor que na realidade tem, mas esse valor he diminuto como o da

moeda de cobre; outros valem muito mais, porêm não tem o pezo completo como alguma prata em giro; outros finalmente pela sua raridade, e subido valor, tem premio como o ouro.

Desempenhemos sempre o nosso dever; lá chega o momento em que até os nossos adversarios, se os tivermos, nos farão justiça.

As promessas do homem mais difficil em prometter, são as que merecem maior confiança.

A experiencia das cousas da vida, nos ensina a temer tudo.

He a lingua a porta da vida, e tambem ás vezes da morte.

Sobre as azas do tempo, e da paciencia vem recostada a Sciencia.

A alma generosa nunca perde a memoria dos beneficios, que recebeu, mas façilmente se esquece dos que faz.

A morte não he horrivel, mas sim o fantasma, com que a representão.

As tres cousas mais difficeis são: guardar segredo, esquecer a injuria, e usar bem do tempo.

Não he menor cobardia o accommetter hum homem desarmado, do que fallar mal dos que se não podem defender.

O ouro he a pedra de toque do homem: hum homem sábio disse: o ouro apura-se ao fogo, a mulher com o ouro, e o homem pela mulher.

Não divulgueis as vossas tenções, para que se forem frustradas, se não rião de vós.

Vale mais ser Juiz entre dois inimigos, do que entre dois amigos; porque no primeiro caso adquire-se hum amigo, e no outro hum inimigo.

As vinhas dão duas castas de cachos, huns doces, outros amargos: este Sábio queria designar os varios effeitos do vinho.

Não julgamos a ventura de hum homem, antes d'elle morrer.

A idade, e o somno nos en-

sinão quasi igualmente o caminho da morte.

As esperanças dos Sábios algumas vezes tem effeito, mas nunca as dos tolos; porque os seus dezejos nunca cabem nas suas forças.

Vale mais obedecer a quem não sabe mandar, do que mandar a quem não sabe obedecer.

Sobre as azas de hum prazer fórte, voando vem ás vezes a morte.

As riquezas não consistem na posse dos bens, mas no bom uso, que se faz dellas.

As Leis são os reparos da liberdade, e consequentemente do Estado.

Os beneficios são os troféos, que se erigem no coração dos homens.

A sciencia entre todas a mais necessaria; he aprender a salvar-se do contagio do ruim exemplo.

O unico bem, que nos não pódem tirar, he o prazer de ter feito uma acção boa.

Honremos a velhice, pois he para onde todos caminhamos.

O avarento não possue o seu cabedal, este he, que he senhor delle.

A parcimonia na comida, livra de doença, e prolonga a vida.

Se te faltar Medico, ou Cirurgião, alma alegre, dieta, e descanço os suprirão.

O vinho, e o medo, mais de huma vez trahírão o segredo.

O amigo que nos encobre os defeitos nos serve de menos, do que o inimigo, que nos reprehende delles.

Não ha cousa, que cause maiores sustos, do que a má consciencia.

Os beneficios que se recebem escrevem-se na arêa, e as offensas grávão se em marmore.

O prudente prevê vigilante, mas o forte soffre constante.

A nimia vontade de fallar, he hum signal de estulticia.

A felicidade do corpo consiste na saude, a do espirito no saber

Quem te lisongêa fóra de tempo, e lugar, ou te enganou, ou te quer enganar.

Quem não reconhece o Supremo Ente, a si proprio se desmente.

Qual he a cousa mais difficultoza? o conhecer-se a si mesmo.

A mais facil? O dar Conselhos.

A mais agradavel? O alcançar o que se deseja.

Não confieis em amigos a que chamão do *tempo*, e em amizades ligeiramente contrahidas; mas tambem conservai com todo o cuidado os que já tiverdes feito.

Se quizerdes ser homem prudente, observai as pessoas de perto, para vos não occultarem o que tem dentro na alma.

Fallai pouco, e principalmente nos banquetes.

Sabei que muitas vezes occulta-se o odio envolto em hum semblante alegre, e que a lingua se exprime com hum tom de amigo,

em quanto o coração está cheio de fel.

Abstendo-vos de fallar mal de quem quer que fôr, se quizerdes receber de todos bons officios.

Deixai para as mulheres os ameaços, e nunca devereis usar delles.

Não falleis antes de pensar.

Nunca vos deixeis arrebatar da cólera.

Não desejeis cousas impossiveis.

Procurai os vossos amigos, mais depressa quando estiverem na desgraça, do que na fortuna.

Exponde-vos antes a soffrer hum damno, do que a ter proveito com deshonra; porque a primeira he huma infelicidade que dura por algum tempo, e a outra he huma mancha para toda a vida.

Não insulteis as infelicidades dos outros.

Sê-de suave, e indulgente, para que vos respeitem, mais do vos temão.

Não andeis precipitadamente; e lembrai-vos que he sinal de pouco juizo accionar despropositadamente com as mãos, quando fallardes.

As dividas arrastão os processos, e os processos são acompanhados de toda a sorte de misérias.

Não ha cousa mais agradavel que o tempo, nem mais escura, que o futuro: nada he mais seguro que a terra, nem menos constante que o mar.

O mais máo homem he o impostor; o mais rico o que nada deseja; e o mais pobre o avarento.

Não façais previsão se não de sabedoria; este he o unico bem, que a fortuna não póde tirar.

Seja qual fôr a razão, nunca useis da violencia.

Não sahiais de casa sem pensardes ao que sahís, e não entreis sem reflectirdes no que fizestes.

Não vos caseis se não com igual, se não quisérdes ter parentes que sejão vossos amos.

Não vos ensoberbeçais na prosperidade, e não vos deixeis abater na afflicção.

Não lisongieis, nem brigueis com vossa mulher em publico; a primeira cousa he huma fraqueza; a segunda huma loucura.

Perdoai os defeitos dos outros, mas nunca os vossos.

Educai tambem vossas filhas, que quando as casardes sejão meninas na idade, e mulheres no espirito.

Os que se quiserem governar com toda a segurança, não se devem firmar nas armas, mas na benevolencia.

A melhor cousa que se pode desejar, he o descanço; e a mais perigosa, a temeridade.

Os deleites corrompem, e as honras são immortães.

A bebedice he a ruina da saude, o veneno do espirito; e a escola do furor.

Lançai antes huma pedra ao acaso, do que huma palavra inutil, e occiosa

A maior virtude he o vencer-se cada hum à si proprio, e a suprema sa-

bedoria he ser verdadeiro nas suas acções, como nos seus discursos.

A tranquillidade do espirito deve ser o fim de todas as nossas acções.

He melhor ter só hum amigo fiel, do que muitos que mudão com a fortuna.

A Cidade mais bem governada he a em que todas as cousas são iguaes, e onde a virtude he feliz, e o vicio desgraçado.

A muralha mais segura, e fórte contra a oppressão, e tyrannia, he a união dos Cidadãos.

A biles torna o homem colerico, e doente, mas sem ella não póde o homem viver; tudo he perigoso no mundo, e tudo he necessario.

Deos creou milhões de mundos todos dessemelhantes: esta immensa variedade, he hum attributo do seu poder infinito: não ha duas folhas de arvores sobre a terra, nem globos nos espaços immensos do Ceo, que sejão semelhantes, e tudo o que vês deve estar no seu lugar, segundo as ordens immutaveis daquelle que tudo abrange.

ENIGMAS.

Qual he a cousa do mundo a mais longa, e mais pequena; mais prompta, e mais vagarosa; mais divisivel, e mais extensa; mais desprezada, e mais chorada, sem a qual nada se póde fazer; que devora tudo que he grande?

He o tempo.

Nada he mais comprido, pois he a medida da Eternidade; nada mais curto, pois que falta a todos os nossos projectos; nada mais vagaroso para quem espera; nada mais rápido para quem goza; estende-se ao infinito em grandeza, divide-se infinitamente em pequenez; todos o desprezão, todos lhe lastimão a perda; nada se faz sem elle; faz esquecer o que he indigno da posteridade, e immortalisa as grandes acções.

Qual he a cousa, que se recebe, sem que se agradeça; que se gósa, sem se saber como; que se dá, ignorando-se aonde existe; e que se perde, quando se não espera?

He a vida.

SONETO.

HE a mulher hum mal, que todos amão;
Hum bem, que he mal de quantos a desejão;
Desgraça, que a qualquer todos invejão;
He fel, a quem *doçura* os homens chamão.

Incendio, com que as almas mais se inflamão,
Idolo, a quem os homens mais festejão,
Nuvem, que esconde a luz, porque não vejão
Os estragos, que troféos alguns acclamão.

A quem fiel a adora, he inconstante;
A quem fingido a engana, enternecida;
Em tudo o seu amor he vacillante.

He em fim, a mulher, bem definida,
Quanto adorada mais, menos constante,
Quanto mais desprezada, mais rendida.

Amor crime não he, mas sim virtude.

GLOSA.

SE os attributos são da Divindade
Ser recta, immortal, omnisciente,
Meiga, compassiva, Omnipotente,
Senhora principal da Eternidade.

Se as luzes da justiça, e da verdade
Dimanão desta Esféra resplandente,
Lei que ella promulgar será clemente
Filha só da razão, e da bondade.

Deos não póde illudir, nem enganar,
Porque adorar-mos huma lei que illude
He deixar-se a si proprio anniquilar.

Quem não entende as leis, Marilia, he rude,
Logo se huma lei deu, que manda amar,
Amor crime não he, mas sim virtude.

SONETO.

EU como, eu bebo, eu durmo, e a vida passo
Hora bem, hora mal, como succede:
Tomo tabaco, e chá, e se mo pede
O genio alguma vez, eu Nize abraço.

A's vezes jogo, ás vezes versos faço,
Que mais, que a arte a natureza mede:
E talvez por saber como procede
Em se mover o Sol, circulos traço.

Alguma vez me agrada a Soledade,
Outras vezes a nobre companhia,
E desta sorte vou passando a idade.

E espero assim, que venha a morte fria
Com o manto da eterna escuridade
Encobrir-me de todo á luz do dia.

De Paulino Cabral de Vasconcellos.

SONETO.

LEva-me a sede adusta á fonte fria,
A calma á sombra amena, e á molle cama,
Assim que a noite a escuridão derrama,
O doce somno pela mão me guia.

Durmo, sonho, desperto, e a luz do dia
Do mundo ao espectaculo me chama,
E aquelle objecto então, que mais me inflamma
A mover as paixões me principía:

Se ellas contrarias são, fico indifferente,
Em quanto me não move a que he mais fórte,
Que então sigo obrigado a mais valente.

Obro então contra mim, pois desta sorte
Conduzindo-me a Nize o amor ardente,
D'ella me faz fugir o horror da morte.

De P. Cabral.

Assim de flores se corôa a Aurora.

GLOSA.

HUm Soneto! Ainda esta me faltava!
Quatorze versos! Isso he mui comprido,
Não chega lá meu Estro espavorido,
Muito he, se deito a barra a huma outava:

Lá vai: O Sol brilhante campeava
Pela estrada do meio.... vou perdido,
Longe do mote, longe do sentido,
Nunca no Outeiro Albano assim glosava.

Entro por outra porta.... desta feita
Creio que dei c'o trinco: Huma pastora
Que com cajado na agua tinha feita....

Não presta. Tome lá, minha Senhora
Guarde o mote; e dir-lhe-hei, quando se enfeita
Assim de flores se corôa a Aurora.

De F. M. do Nascimento.

Que serei, que fui, que sou, não sei.

GLOSA.

QUe mal passa o tempo quem não pesa
O que fez, o que faz, que fazer deve;
Se o tempo nos falta por ser breve,
Não sabe viver quem o despreza.

Se exacta se move a natureza,
Que o giro a mudar já mais se atreve,
He o ente que pensa, louco, e leve,
Se a lei do dever, seu bem não préza.

Raros são os que vivem meditando
Nas sérias verdades que notei,
Em quanto annos velozes vão passando.

No vosso fim humanos meditei,
Onde chega o nescio perguntando,
Que serei, que fui, que sou, não sei.

A.

Este, e os dois seguintes Sonetos vem n'um folheto, impresso no Porto em 1833. Desculpe-me o seu Author reproduzi-los nesta Obra; mas não pude resistir a faze-lo á vista do seu merecimento.

SONETO. (*)

Sombra pavorósa, espectro horrendo,
Não mais persigas quem não tem ventura;
Ah! deixa-me viver n'esta amargura,
Não redóbres o mal que estou soffrendo:

Minhas forças se vão desfallecendo;
Ali vejo cavar-se a sepultura,
Lá vai comigo o mal, e a desventura
Sepultar-se na cova qu'estou vendo.

A vista foge, a lingua balbúcia,
Entra no coração mortal fraqueza,
O alento me falta, o corpo esfria:

Venceste, ó Morte, aqui tens a preza;
Adeus Patria, adeus Mundo, he este o dia
De pagar o tributo á Natureza.

(*) A bordo, em dia de grande perigo.

SONETO

Ao Ataque do Porto, feito pelos rebeldes em os dias 8 e 9 de Setembro de 1832.

SOava bronzeo canhão medonho ruido
A morte vomitando a cada passo,
E do Luso fiel armado braço
Fazia estragos mil, sempre aguerrido.

De perjura facção atroz partido
Cercado de terror, e d'embaraço,
Fugindo vacilava, achando escaço
Terreno que pizava espavorido;

Debalde a Usurpação tentar pertende
Vencer, e saquear esta Cidade!
He Pedro o Rei dos Reis quem a defende:

Quando o facho da sacra Liberdade
D'um Genio tutelar nas mãos se accende,
Apaga-lo não póde a iniquidade.

Aos Satellites da Usurpação.

SONETO.

ACaba d'uma vez, facção impia;
Consome os dias em prisão segura;
Ali te seja dada a sepultura,
Roa-te o coração faminta harpia:

Treme pois do poder que te vigia,
A Patria, a quem tens sido tão perjura
O premio a teus serviços assegura,
Um castigo exemplar terás um dia:

A'vante não mais sigas, he baldado
Mover um passo fóra do districto
Onde a honra chamar um Emigrado:

Repara no que vês aqui escripto,
Toma as iniciaes, e o resultado
Espera descobrir entre o conflicto.

ODE DE SAPHO

Extrahida da brilhante traducção de Boileau, em Portuguez por D. M. F. de V. B.

FEliz quem junto a ti por ti suspira;
Quem de te ouvir fallar o prazer goza;
Ou d'um sorriso teu, que amor inspira,
Mais que celeste a dita preciosa.
De veia em veia eu sinto a subtil chamma,
Ao ver-te, as carnes todas abrazar-me;
Um delirio em minha alma se derrama,
Eu sinto a lingua preza, a voz faltar-me:
Meus olhos denso orvalho innunda, e cobre,
Retine a confusão em meus ouvidos;
Hum tremor por mim toda se descobre,
Quaes do raio tocados meus sentidos.
Murcha flor, q̃ aos pés cahe de quem a corta...
Em doce languidez, as côres mudo,
Attonita, perdida, semi-morta
O partido he sómente arriscar tudo.

Dormias Marcia, e eu vi Cupido ancioso
Já de hum, já d'outro lado
Querer-te furtar hum beijo gracioso,
Que tu a cada arquejo descançado
Na linda boca urdias
Graciosissimo, oh Marcia . . . não sabias
Como o Nume girava de alvoroço
Escolhendo-lhe o geito
De o dar de melhor lado. Eu vim, e deito
Bem na boca, e logrei o esperto moço.

Do P.e F. M. do Nascimento.

NÃo te captivem purpuras, nem ouro
Oh Filis insensiva,
Se a purpura nos lábios tens mais viva;
Se no cabello louro
Tens mina de metal mais cubiçado.
Poem alvo ao teu cuidado
Mas subido em valor;
Poem a dom, de que o peito teu carece
Chamma de puro amor
Que no meu tão activo resplandece

Do dito.

Desejo amante.

SE eu fôra Jove, o vasto Mundo
Terias Marcia, em pleno senhorio:
Se Neptuno, do Oceano profundo
As perolas, o coral em grosso fio.
O diamante, o rubi, o ouro jucundo
Se Pluto fôra, houvéras sem desvio.
Sê-me branda, se tanto dom te move,
Pluto por ti sou, Neptuno, e Jove.

Do dito.

EPISTOLA.

EScuta Josina bella
Hum caso que nunca ouviste,
E talvez, que no fim delle
Suspires, e fiques triste.

Por ver a sorte que espera
Nosso amor constante, e puro,
Busquei fatidica Maga,
Que rasga os véos do futuro.

Negro bosque ao pé d'um rio
Qu'entre penedos murmura
Aos raios do Sol esconde
Da Mága a caverna escura.

Tosca rocha que d'um raio
Consta que fôra rasgada,
Off'rece aos timidos olhos
Da cova a musgósa entrada.

Tem á porta dois cyprestes
Onde sempre os mochos pião,
E do penedo nas rochas
Negras cobras assovião.

Entro na mágica estancia,
Sem que m'impedisse o horror;
Que o temor tem pouca força
N'uma alma que impéra amor.

Aos pés d'enrugada velha,
Carrancudo, e torvo vulto;
Com ancia, com firme crença
A nossa sórte consultó.

Eis a vejo arrebatada
Como em divina visão;
Andar em torno de mim
Fazendo riscos no chão.

Sobre chammas crepitantes
Me mandou saltar tres vezes,
E lançou sobre a fogueira
Entranhas de negras rezes.

Ao som de horriveis ululos
Convulsa calcitra a terra,
Invocando infernaes Numes,
Pardas sombras desenterra.

A Maga da mão me agarra,
Sobre o meu rosto bafeja;
Eis tremem todas as sombras,
E a viva chamma negreja.

Ah infeliz!... mais não disse,
E largando-me da mão,
Ao som d'horrivel estrondo
Desfaz se toda a visão.

Fico pasmado, e qual homem,
Que assombrou sulfureo raio,
Por hum maquinal impulso
Da medonha gruta sáio.

Mas tu Josina desmaias,
Já suspiras, estás triste?
Toma alento, e a meu exemplo
Ao feio agouro resiste.

Tu me adoras, eu te adoro,
Nada temos que temer,
Só a nós he que compete
Os nossos laços romper.

Corajoso condemnado,
Que não tem alma servil,
Substitue doce veneno
Do algoz ao braço vil.

Quando pois cruel sentença
Nos formarem duros Fados,
Não seremos aos seus golpes
Vilmente sacrificados.

Repetindo sem cessar
Os nossos doces transportes,
A's mãos do prazer teremos
Unidos, suaves mortes.

A.

Para amar-te eternamente,
Eterno quizera ser,
Como eterno ser não posso
Hei-de amar-te até morrer.

GLOSA.

O Teu genio afogador,
O teu rosto divinal,
Inspira em todo o mortal
O mais terno, e puro amor:
Dos teus olhos o fulgor
Faz minha paixão vehemente;
Quiséra Jove potente
Por soberana influencia,
Fazer-me mudar d'essencia
Para amar-te eternamente,

Desgraçada humanidade!....
Quanto he triste a minha sorte,
Pois não posso alem da morte
Possuir tua beldade.
Não invejo á Divindade
O seu immenso poder,
Eu só anhelava ter
Huma vida illimitada,
Só por ti ó minha amada
Eterno quizera ser.

Mas se he lei invariavel,
Importa ao ente sensivel
Soffrer o golpe terrivel
D'Atropos inexoravel:
S' a planta, e flor agradavel
Soffrem hum final destroço,
Com isto meu mal adoço,
Minha dôr tem lenitivo
Em amar-te em quanto vivo
Como eterno ser não posso.

E pois, que nos he vedado
Nutrir eterna paixão;
Se quebra amante prizão
Imperiosa Lei do Fado;
Ainda que limitado
O nosso amor deve ser,
Posso este voto fazer:
» Ante hum Deos que tudo vê,
» Eu protesto, e juro que
» *Hei-de amar-te ate morrer.*

A.

Cruel fortuna ergue a mão
Fere, mata-me a teu gosto,
Que nem se me enfia o rosto,
Nem me bate o coração.

GLOSA.

NÃo cuides te hei-de temer
Fortuna cruel, por mais
Que me mostres os sinaes
Do teu supremo poder:
E se melhor queres ver
Quanto eu obro nesta acção,
Eu te offereço hum Coração,
Que não tem medo da morte,
Anda, executa o córte
Cruel fortuna ergue a mão.

Tenta o ferro penetrante
Afia-lhe a aguda ponta,
E o golpe mortal aponta
Que eu já t'espero constante:
Eu te ponho por diante
Hum peito a morrer disposto,
E em fim sem mudar de posto,
Sem temor, e sem receio,
Sem armas t'offereço o seio
Fere, mata-me a teu gosto.

Não, não me póde alterar
Neste mundo algum tromento,
Pois no mudo soffrimento
Sei meus males tolerar:
Nada me póde afrontar,
Nada causar-me desgosto,
E estou em fim tão disposto
A morrer contente, e fórte,
Que nem me desmaia a morte,
Que nem se me enfia o rosto.

Até já desenganado
Dos attractivos de amor,
Chego a ter tanto valor,
Que os grilhões tenho quebrado:
Vejo Nize, e sem cuidado
De saber se he firme, ou não,
Vivo com tal izempção,
Que inda estando junto della,
Nem o sangue se me géla,
Nem me bate o coração.

P. Cabral.

Santas Leis da Natureza,
Que eu respeito, adoro, e sigo:
Felizes todos os entes
Se combinassem comigo.

GLOSA.

FEcundando a terra dura
Virente estação reparte
Tenras plantas, que sem arte
Vecejar fazes natura.
Quanto he bella tal pintura,
Que me off'rece a redondeza!
A ternura, a singeleza
Par, a par em brando enleio,
Fazem brotar do seu seio
Santas Leis da Natureza.

Nutre a lei da creação
Troncos, flores, e raizes,
Ah Marilia! são felizes,
Em nós he crime a união:
Venturosa a geração,
Que em ligar-se não tem p'rigo,
Porêm Marilia, que digo?
Quem separa nossos peitos,
Não contempla os preceitos;
Que eu respeito, adoro, e sigo.

Se nos he funesto mal
Este affecto da ternura,
He sensivel desventura
Ser hum ente racional:
Logo hum ente vegetal
Mais ditoso he que os viventes,
Pois s' as flores são innocentes,
Se amar lhes não he vedado,
Fôrão tendo igual estado
Felizes todos os entes.

Sei que segue outro Systema,
Aquelle que amor não préza,
Mas eu sigo a natureza
Que he do sentimento emblema;
Digão embora que he teima
O prazer, que adopto, e sigo
Amo, prézo, sou amigo
Da união, da sympathia,
Que os humanos prenderia
Se combinassem comigo.

Anonymo.

No volume dos destinos
Horrivel Sentença está,
O que fôr maior amante
O mais infeliz será.

GLOSA.

Esse Deos, que tem poder,
Que o mesmo Jove respeita,
Nume, que o futuro espreita
Que dispoem do nada, e ser:
Muito antes de eu nascer
Nos seus lares diamantinos.
Promulgou-me os mais ferinos
Azares da fortuna escaça,
Pôz-me a nota da desgraça
No volume dos destinos.

Ainda o ventre materno
Em germen os ais me sustinha,
Quando á negra sorte minha
Velárão furias do averno:
Logo o Idalio Nume terno
Soube a minha sorte má,
Ei-lo adejando já
Vôa da Estancia ao fim,
Onde escrita contra mim
Horrivel Sentença està.

Eu venho, diz elle ao Fado,
Carinhoso demandar-te
Se he que amor póde ter parte
Na sina de hum desgraçado:
Nume que odeias irado
Mil vezes o mais constante,
Ah deixa que amor... levante
Conjuros de teus Decretos,
Mereça nossos affectos,
O que fôr maior amante.

» Basta, grita o Fado
» Com voz, que o abysmo espanta!
» Póde amor audacia tanta
» Oppôr ao que eu resolvi:
» Sei que hés Nume, sei que a ti
» Ventura os votos dará;
» Mas Cupido, aqui não ha
» Lei que seja a teu favor;
» O que mais sensivel fôr,
» *O mais infeliz será.*

Anonymo.

Como corre este ribeiro
Mansamente, e tão saudoso!
Sò eu não corro a meu bem,
Por ser pouco venturoso.

GLOSA.

DO loução berço de rosa
Que alegre a aurora desponta!
A rôla ao ar se remonta
Deixando a Selva frondosa!
Oh! como da praia algosa
Se alonga o curvo saveiro!
Como offerta ao caminheiro
Seus cristaes provida a fonte!
Quanto he lindo aquelle monte!
Como corre este ribeiro!

Por entre os alvos seixinhos
Nevados cachões formando,
Vai bemfazejo regando
Os tenros lyrios visinhos,
Por mil diversos caminhos
Se dirige ao mar undoso.
Oh! como o bando plumoso
A elle vôa, e revôa!
Que doce murmurio sôa,
Mansamente, e tão saudoso.

Oh! quadro da Natureza
Louvem-te sempre os mortaes;
Mas, quando alegras os mais
Cauzas a minha tristeza:
Mesmo da tua belleza
O meu desgosto provêm;
Pois vejo que tudo tem
Fim a seu mal, manso, e manso,
Só eu triste não descanço,
Sò eu não corro a meu bem.

A's trevas segue-se a Aurora,
Torna a rôla ao ninho amado,
E o barqueiro fatigado
Ferrando o porto melhora:
Mata a sêde abrazadôra
Viajeiro presuroso;
Só eu Annalia não góso:
Só meu pranto não tem fim,
Não por ella, mas por mim,
Por ser pouco venturoso.

De Bernardo Avelino Ferreira e Sousa.

O teu rosto encantador.

GLOSA.

JOve por ser o que deu
Sábias Leis á Natureza,
No sacrario da belleza
Divinas porções metteu:
D'abrillo não conçedeu
A' natureza o favor
Porque, queria dispòr
De quanto no Cofre achasse,
Quando ó Lilia organizasse
O teu rosto encantador.

Se Venus por ser formósa
O Pomo d'ouro ganhou:
Se ás chammas Troya entregou
A Grega Elena mimósa:
Se Dido excedendo a rósa,
Das faces na linda côr
Cobriu Carthago de horror!...
Ai do mundo a meu sentir,
Se o quizesse destruir
O teu rosto encantador.

A.

Morrendo estou de Saudades.

GLOSA.

NA triste ausencia em que estou,
Nenhum remedio me val,
Nem tem alivio este mal
Se não em quem mo causou.
Se por divertir-me vou
Fugindo das sociedades,
Nessas mesmas soledades
Onde amor faz mil mudanças,
Firme nas minhas lembranças
Morrendo estou de Saudades.

J. X. de Mattos.

*A *** mandando de presente dois leitões, ao Author da seguinte*

DECIMA.

SEnhor, aqui me enviais
Dois leitões; faz-me piedade,
Vê-los de tão tenra idade
A chorarem por seus pais:
Se o pai, ao menos mandais,

He das mais pias acções;
Quando não; taes afflicções
Não soffro: mando engeita-los:
Eu cá não posso cria-los,
Que eu não sou pai de leitões.

Todos sabem, quem tu és,
Todos sabem, quem eu sou.

GLOSA

Entre hum bebado, e sua mulher.

M. O' homem! Tu não vês?
Sem chapéo, n'um mar de lama!
Que vergonha! Mas n'alfama
Todos sabem, quem tu és.
B. Quem! Eu? Ah! já sei, tu ques
Dirás que bebado estou?
O vento he, que me empurrou,
E fugiu me o vil bandalho;
Que se o pilho, eu co' estardalho,
Todos sabem, quem eu sou.

B. Quando confessar-me vou
Vou de carga abarrotado:
Sim, que até aqui [Deos louvado!]
Todos sabem, quem eu sou.
O vento he, que me tirou
O chapéo, não por cortez:
Foi furto: quem? Tu não crês?
Hei-de o provar c'os visinhos.
M. Fazês bem, que em provar vinhos
Todos sàbem, quem tu és.

A. J. de Carvalho.

Na praia hum dia dois homens
Ostra volumosa vendo,
Ambos a hum tempo lhe agarrão,
He minha, he minha dizendo.

Depois de largas disputas,
Vão do Juiz á Presença,
Expondo lhe o caso, implorão,
Que lhes dê justa sentença.

Eis parte a Ostra o Juiz,
Que não quer gravar nenhum,
Chupa-lhe o miolo, e dá
Huma Concha a cada hum.

Que pleitos evitaria
Amigavel Convenção,
Se nesta moralidade
Se fizesse reflexão.

B. G. C. Semedo.

EPIGRAMMAS.

Eu conheço hum Cavalheiro,
Que finge surda mania;
Porem ouve em lhe arrumando
Nos ouvidos Senhoria.

Anonimo.

Conferes nas senhorias,
Fofo Alcêo, mais fofos bens;
E fazes nisso hum milagre,
Porque dás o que não tens.

Bocage.

EPITAFIOS.

Hum extremo de amor, de formosura
Jaz nesta sepultura
De saudades morrêo. Não tenhais medo,
Que esta moda nas Damas pegue çedo.

Minha Esposa aqui jaz. Que bem q̃ jaz!
Por sua, e minha paz.

Do Pe. F. M. do Nascimento.

Quem tem zellos, tem paixão.

GLOSA.

No semblante se conhece,
O que sente o coração;
Quem receia, desconfia,
Quem tem zellos, tem paixão.

Foste amor até no Ida
Semear a dissenção,
Quem tem belleza, presume;
Quem tem zellos, tem paixão.

Tenho feito ao Deos Cupido
Ternos queixumes em vão,
Só n'um sorriso me disse
Quem tem zellos, tem paixão.

Surgirão da Estygia feia
A saudade, a ingratidão,
Zellos, surgírão do Inferno.
Quem tem zellos, tem paixão.

Cioso, nessas montanhas
Dá rugidos o Leão,
Amor bramidos lhe arranca,
Quem tem zellos, tem paixão.

O socego, e liberdade
Frutos da innocencia são:
Quem não ama, não suspira,
Quem tem zellos, tem paixão.

Os corações mais sensiveis
Os mais infelizes são,
Ninguem diga, que he mentira
Quem tem zellos, tem paixão.

Anonymo.

Cada vez mais te hei-de amar.

GLOSA.

Tem querido a negra inveja
Nossa amizade intrigar;
Mas não temas Marcia bella
Cada vez mais te hei-de amar.

Inda que o rigor da sorte
Nos obrigue a suspirar,
Por triunfo da constancia
Cada vez mais te hei de amar.

Ha-de a ventura hum dia
Nossos votos premiar;
Eu não mudo a simpathia
Cada vez mais te hei-de amar.

Inda que a escaça fortuna
Me qneira seus dons negar,
Seus thesouros não me illudem
Cada vez mais te hei-de amar.

Ninguem a minha vontade
Pode reger, e mandar,
Se qualquer, amando he livre
Cada vez mais te hei-de amar.

Amor, dá-me a doce lyra
Faz-me o estro vecejar,
Deixa, que Marcia m'escute
Cada vez mais te hei-de amar.

O seio da minha amada,
Eu vi o pranto aljofrar,
Quando n'um adeos lhe disse
Cada vez mais te hei-de amar.

CHARADAS. (†)

1.ª *

EU domino nos mortaes,
Antes de ser sempre sou.
Os que tem de hir ao sepulcro
Costumão hir como eu vou.

2.ª *

Contra a força do mar, e rijos ventos
Sustento a Náo no porto desejado,
Descanço, e segurança eu dou
Ao Nauta, findo hum curso dilatado.
Entre pampanos viçosos, e penedos
Fujo da terra sempre arrebatado,
Ricos thesouros, que me dérão fama
Conduzo onde sou mais procurado.
A's vezes guardo athalanticas riquezas
Contra o furor de horrendas tempestades;
He por mim que se tornão opulentas,
E crescem em poder muitas Cidades.
Mas ainda para mais declarar,
Do mar, e das tromentas acossado
Por mim anhela, e por mim suspira
O navegante infeliz, e consternado.

(†) As que levão o signal * ignoro quem sejão seus Authores, as outras são de hum curioso.

3.ª

Ai do misero vivente } 2
A quem ella lhe he lançada!
E lá nas antigas eras } 2
Fui Cidade afamada.
De certas fazendas
Sou côr trivial;
Na lã, ou na seda
O màis natural.

4.ª

Sou mui subtil, } 1
E invisivel
Em sendo máo } 2
Sou insoffrivel.
Entro no Paço
De mão armada,
Faço figura
Não valho nada.

5.ª

Os Hebreus me venerárão:
Sendo cégo zango a gente;
Por mais que nisto cogites
Não penetras certamente.

6.ª *

A's vezes com a Natureza } 3
Eu sou muito assemelhada. }
Nero ao longe assim fazia } 2
Ao ver Roma incendiada. }
Se o que corre em mim parar,
Nunca mais ha-de girar.

7.ª *

Na Republica das Letras } 1
Eu tenho o lugar primeiro. }
Sou hum Ente, sou hum Deos } 2
Tenho culto verdadeiro. }
Signal amargo, e saudoso
Ternos peitos espedaço;
Quando amantes me porferem
Seu maior tromento faço.

8.ª *

Nas receitas ando, 2
Nas escólas giro. 2
Aquelle que firo
Tem crime nefando.

9.ª *

Das nuvens Patria, do vapor asylo: 1
Simulacro de Heróes em pedra fria. 2
Sou tenro filho de copado tronco,
Que no fecnndo seio a terra cria.

10.ª *

A primeira joga-se 2
A segunda bebe-se 1
O todo come-se.

11.ª

Figurei n'antiga Roma. 3
Do corpo parte estimada: 1
Fui formósa, fui Rainha,
Nos astros fui collocada.

12.ª

Quanto mais bello
O dia está,
Maior belleza
Em mim se dá. 1
Com o Deos da Guerra
Eu me enlacei,
Desta união
Heróes formei. 2

Sou appellido,
Cinjo a cintura;
Sendo divisa
He d'impostura.

13.ª *

Gasta-se quem me produz
Antes de me dar o ser,
Conservando a mesma luz
Dentro em pouco ha-de morrer.
Sou feito de fina lã,
Mas mudando o *o* em *a*
Combinando achará
Quem á primeira deu o ser.
Sou d'ossos formado
Ando nú, ou enroupado.

14.ª *

Com a minha primeira
Mostro a todos onde estou,
Com a primeira, e segunda
Hum soccorro á vinha dou:
Com a segunda sómente
Inculco mando, e poder,
E com a ultima que resta
Sou pão de bom comer:
Alem de pão sou fazenda,
Ando muito pelo mar;
Mas se todas me unirem
Só por terra posso andar.

15.ª *

Do corpo humano sou a mais bella parte,
E tambem do Brazil me trazem cheio: } 2.
Fructo Silvestre sou, meus filhos tirão
Pela chamma voraz, que em mim se atêa. } 2
Sou filha da maldição,
Só n'Africa m'encontrarão,
Apenas me ve-em os homens,
Pelo nome me chamarão.

16.ª

Repouso dou aos mortaes, 2.
Nome de homem, e de féra. 2
Tudo quanto de mim contão
He fabula, e vã quiméra.

17.ª *

Sóbe empinados Outeiros, 2
Veste os vales de verdura. 2
Quando pratíca seus crimes
Nem perdôa á formosura.

18.ª *

A prata abrilhanto, 1
A vida combato. 1
Quando sou ferino
Meus iguaes maltrato.

19.ª *

Na primeira diz que dá 1
Na segunda que mastiga 2
He fructo, seda, e cidade:
Conhece a sua entidade
Quem estas tres cousas liga.

20.ª

O Firmamento abrilhanto, 3
Eu exprimo sentimento. 1
No alto, e azulado Ceo
Eu tenho o meu pensamento.

21.ª

Lá no Oriente nascendo }
Mudo ás vezes de derrota. } 2
Mulheres me dérão nome }
Em Dio, e Aljubarrota. } 1
Fui por Jupiter roubada,
O mar bravo atravessei;
E a huma porção da terra
O meu nome ufana dei.

22.ª

No cantar sou mui valida, }
Mas não posso cantar só. } 1

Quem me sente quasi chora }
Vejão lá se sentem dó. } 1

De mim se queixa
O triste humano,
Cuida que existo,
Que louco engano.

23.ª

No solfejo me acharás, 1
Meu brilho do Sol provêm. 2
Pelo o azulado Tejo
Eu transito muito bem.

24.ª *

Luxo, ou festa significo, 2
Gente, ou bixo o ser me deu. 2
Por causa dos meus amores
Certo gigante morreu.

25.ª *

A primeira gira, 2
A segunda gira: 1
E o todo gira.

26.ª

Não póde soffrer demoras, } 1
Delongas não póde ter.
Assim Eva passeava } 2
Antes do pomo comer.
Fugitivo corre o prado } 2
No mar se vai esconder.
Liga, e verás que o todo
Nome d'homem hade ser.

27.ª *

Mostra que li a primeira,
A segunda he de moinho,
E o que diz em ambas juntas
Tem qualquer regatozinho:
A segunda com a terceira
Só do Brazil he que vem:
Terceira, e quarta he herança,
Que alguns de seu Avô tem.
Só a quarta he generósa;
Porque a todos diz que dá,
E antepondo-lhe a primeira,
Que trabalhos mostrará;
Mas ajuntando-se as quatro
Mostrão bem perfeitamente
Ser huma cousa antiga
Que consóla muita gente.

28.ª *

Timbre dos Gallos 1
Exprimo bondade. 2
Tenho memoria,
Não tenho vontade.

29.ª

D'Alcides arma terrivel, 2
Aviltei Heróe famoso: 2
Vegeto no val, ou monte,
Meu fructo he saboroso.

30.ª *

Do Mundo sou grande parte, 1
Nada ha depois de mim. 1
Resto vil, que a morte deixa
Vou ser hum luxo por fim.

31.ª

Figurei n'antiga Roma, 3
Alem do Sol m'acharàõ. 1
Pesadas cargas conduso;
Mas não tenho estimação.

32.ª

Em aperto me vejo, 1
Eneas combato. 2
E sou da tristeza
O fiel retrato.

33.ª

Não só sirvo de recreio, } 3
Tambem sirvo de instrucção. }
Na carreira sou veloz } 2
Ninguem me póde ter mão. }
Em qualquer Officio, e Arte
Sou hum util Cidadão.

34.ª

Lugar distincto entre as vogaes occupo 1
Meu nome os Lusos immortal fisérão. 2
Já mais no coração do homem justo,
Meu todo os máos cimentar podérão.

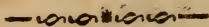
35.ª *

Fruta cheirósa, 2
Arvore frondósa: 2
Logar que dá
Pedra famósa.

ERRATA.

Na pag. 40 o primeiro, e segundo verso lêa-se do modo seguinte

Se nos he funesto mal
Este affecto da ternura,

—

Os Senhores que tivérão a bondade de assignar para a publicação do presente folheto, e o queirão fazer para o segundo, que o Editor vai fazer imprimir, quando tenha numero sufficiente d'assignaturas, pódem dirigir-se á Typographia de Desiderio Marques Leão no Largo do Calhariz N.° 12, ou á loja do Livreiro Lemos na Rua do Ouro N.° 112, aonde estarão patentes as relações para quem quizer subscrever.

O segundo folheto conterá um Indice de todas as Charadas do primeiro; no qual em frente dos respectivos numeros, hirão decifradas.